

Linguística, Filosofia, e suas Historiografias¹

Cristina Altman
(Universidade de São Paulo)

RESUMO

Desde sua institucionalização nos anos 1970, um dos primeiros desafios que a disciplina Historiografia Linguística (HL) teve que enfrentar foi distinguir-se dos outros modelos de história da linguística então em circulação. O primeiro ponto a resolver era a definição de um método próprio, explícito e tão rigoroso quanto aqueles utilizados pela(s) ciência(s) que tomou por objeto. Com este propósito, era inevitável que a jovem HL se perguntasse quais outras metadisciplinas, mais amadurecidas na reflexão dos seus métodos e epistemologia poderiam servir de guia para o historiógrafo no encaixe da sua especificidade. De fato, sem esperar que um *framework* pronto caísse em nossos colos, muitos de nós, então aspirantes à prática historiográfica, trouxemos para nossas historiografias (e ainda o fazemos) parte do instrumental proposto pela História e pela Filosofia da Ciência, entre outras. O presente texto, tendo como pano de fundo os tipos de historiografias da Linguística e da Filosofia, discutidos por Koerner (1974), Simone (1975), e Rorty (1998 [1984]), defende o ponto de vista de que a HL deva se integrar ao campo que lhe serve de objeto, i.e., à teoria linguística, e não constituir um domínio à parte. Para isso, é desejável que, na reflexão sobre a evolução do conhecimento linguístico, continue a fazer parte do diálogo com as metadisciplinas científicas que compartilham de parte do seu interesse, notadamente, a História da Ciência e a Filosofia da Linguística.

Palavras-chaves: *Historiografia da Linguística, História da Ciência, Filosofia da Linguística.*

ABSTRACT

Since its institutionalization in the 1970s, one of the first challenges that the discipline Historiography of Linguistics (HL) faced was to distinguish itself from other types of history writing in circulation. The first point to consider was the definition of a specific method, as explicit and rigorous as those used by the science(s) it took as its object. With this purpose, it was inevitable that the young HL wondered which other (meta)

¹ Versão escrita de texto proferido como parte das atividades do *I Workshop de Filosofia e História da Linguística, UFPR – 12 e 13 de novembro de 2020.*

disciplines, more mature in the reflection on its own methods and epistemology, could serve as a guide for the historiographer in pursuit of his specificity. In fact, without waiting that a ready framework would fall into our laps, many of us, aspiring historiographers, brought to our historiographies (and still do) part of the conceptual tools proposed by the History and Philosophy of Science, among others. The present text, taking as background the historiographic models proposed by Koerner (1974), Simone (1975), and Rorty (1998 [1984]), claims that HL should be integrated into the field that serves it as an object, i.e., within linguistic theory, and not constitute a separate domain. For that, it is desirable that HL continues to be part of the dialogue with the (meta)disciplines that share part of its concerns, notably, the History of Science and the Philosophy of Linguistics.

Key-words: *Historiography of Linguistics, History of Science, Philosophy of Linguistics.*

1. Introdução

A partir do momento em que a *Historiografia Linguística* (HL) se institucionalizou como disciplina acadêmica no início dos anos 1970, no esteio das discussões ensejadas por filósofos e linguistas sobre a natureza (e a história) de seus respectivos domínios (v. por ex., Koerner, 1974; Simone, 1975; Rorty, 1998 [1984]), um dos primeiros desafios a enfrentar foi distinguir-se dos outros modelos de história da Linguística então em circulação. O primeiro ponto a resolver era a definição de um método próprio, explícito e tão rigoroso quanto aqueles utilizados pela(s) ciência(s) que tomou por objeto. Era inevitável, naquele contexto, que a jovem HL se perguntasse quais outras metadisciplinas, mais amadurecidas na reflexão dos seus próprios métodos, poderiam servir de guia para o historiógrafo no enalço da sua especificidade. Koerner (2020) pôs na balança as contribuições advindas da História Intelectual, da Filosofia e da Teoria da História, da Filosofia e da Sociologia da Ciência, para concluir que foram a História e a Filosofia da Ciência, pelos seus avanços em epistemologia e metodologia, as disciplinas que mais tiveram a oferecer à HL ao longo das últimas décadas. De fato, sem

esperar que um *framework* pronto caísse em nossos colos, muitos de nós, então aspirantes à prática historiográfica, trouxemos para nossas historiografias (e ainda o fazemos) parte do instrumental proposto por, entre vários outros, Kuhn (1987 [1962]), Laudan (1977), Lakatos (1978), Murray (1994) (por ex., Coelho, 1998; França, 2003; Altman, 2004 [1998]).

O presente texto, tendo como pano de fundo os tipos de historiografias da Linguística e da Filosofia, discutidos por Koerner (1974, 1978b, 2020), Simone (1995), e Rorty (1998 [1984]), defende o ponto de vista de que a HL contemporânea deva se integrar ao campo que lhe serve de objeto, i.e., à teoria linguística, e não constituir um domínio à parte. Para isso, é desejável que a HL, na sua reflexão sobre a emergência e a evolução do conhecimento linguístico, continue a fazer parte do diálogo com as metadisciplinas científicas que compartilham de parte do seu interesse, notadamente, a História da Ciência e a Filosofia da Linguística.

2. Historiografias Linguísticas: domínio e orientação

2.1 O interesse do linguista pelo seu passado

Evidentemente, o caminho que a HL percorreu dos anos 1970 para cá não foi linear. Conectar o linguista do presente com o passado da sua disciplina não é uma tarefa fácil, vale lembrar. O fator ‘progresso’ é uma das razões do aparente descaso de muitos pesquisadores modernos com as tradições passadas: a visão cumulativa de ‘ciência de ponta’ contribui, sem dúvida, para que a história de uma disciplina científica como a Linguística fique muitas vezes relegada ao campo do obsoleto, do ultrapassado, para o qual não vale a pena retornar. Neste sentido, a Linguística está mais para o lado da ciência, do que da arte. Explico. Em um pequeno ensaio sobre as relações entre arte e ciência, Kuhn (1969) apontou como traço nítido de divergência entre as duas atividades, a relação com o passado da sua disciplina. Obras primas do passado exercem uma função vital na iniciação de um jovem artista, e na formação do gosto do seu público, embora todos reconheçam que essas obras não são produtos da arte contemporânea e que não é mais ‘assim que se faz’. Os manuais científicos, por sua vez, relatam os nomes e os feitos dos heróis do passado, mas só os historiadores pensam realmente em ler os trabalhos científicos antigos. Em outras palavras, as rupturas em ciência se acompanham da remoção da prateleira de qualquer livro ou periódico que tenha esgotado seu ‘prazo de validade’: “*Unlike art, science destroys its past.*” (Kuhn, 1969, p. 407.)

Como reverter essa situação? De modo geral, as respostas aos desafios iniciais apresentados pela incipiente HL foram várias, dependendo, ou do período estudado, ou da porta pela qual um *scholar* entrou na HL, se literatura,

linguística, história ou filosofia. Além disso, houve (e ainda há) diferenças de ‘sotaque’ importantes. *Scholars* europeus, em geral, apresentavam uma resistência menor do que seus pares norte-americanos para incluir a história do seu campo de estudos no escopo de suas reflexões teóricas. Ainda que seja preciso mencionar duas honrosas exceções: Leonard Bloomfield (1887-1949), no seu manual de 1933 e Noam Chomsky (n. 1928), na sua *Cartesian Linguistics*, de 1966. De fato, na América, berço de vários estruturalismos e gerativismos, a dimensão histórica da disciplina Linguística foi secundária no século XX, enquanto que na Europa, ao menos em lugares como Alemanha, Espanha, Itália, França, o estudo de uma tradição histórica se manteve como modo legítimo de trabalho acadêmico.

Seja como for, foi pelas mãos de um brilhante teórico norte-americano, Noam Chomsky, que a história de tradições linguísticas do passado entrou no radar do linguista moderno. A década de 1970 testemunhou, no hemisfério norte sobretudo, um *boom* de interesse sobre o pensamento linguístico anterior aos séculos XIX e XX. Tal curiosidade cresceu no esteio da bem sucedida conferência proferida por Noam Chomsky em 1962, durante o *IX Congresso Internacional de Linguística*, acontecido naquele ano em Cambridge, MA. À frente de uma erudita plateia de *scholars* europeus e norte-americanos, muitos deles altos representantes do *establishment* estruturalista, Chomsky chamou a atenção para a tradição que se desenvolveu em torno das proposições de René Descartes (1596–1650), dos gramáticos de Port Royal (em particular, Arnauld & Lancelot 1975 [1660]/1676) e de Wilhelm von Humboldt (1767–1835), tradição essa responsável, segundo o conferencista, pela formulação das questões pertinentes a serem respondidas pela ciência da linguagem moderna. A revisão histórica que Chomsky (1964 [1962], 1971[1968], 1972[1966]) efetuou, rastreando aspectos linguísticos em tradições de pensamento que não eram especificamente linguísticas abriu novas perspectivas, não só de elaboração teórica (certamente seu objetivo principal), mas também de estudo histórico. (Re)aprendemos que o conhecimento linguístico poderia recuar para antes de Bopp (1816), Saussure (1916) ou Bloomfield (1933), marcos canônicos na literatura da emergência da linguística enquanto ciência. Certamente, o livro de Chomsky não foi o único elemento desencadeador do interesse repentino do linguista moderno pela história da sua disciplina, talvez o clima intelectual da época favorecesse este tipo de reflexão. O fato é que o que se viu a partir de então foi a produção de um sem número de teses acadêmicas, artigos e monografias sobre teorias linguísticas de um passado anterior ao século XIX, elaboradas no clima de ‘modernizar’ as ideias dos predecessores (v. Koerner, 1978c: 33ss.).

Além do interesse que suscitou entre os jovens *scholars* dessa geração, a *Linguística Cartesiana* de Chomsky ilustra (*malgré lui*), o papel da história

na elaboração de uma hipótese teórica² e as armadilhas de uma historiografia linguística exclusivamente centrada na dimensão cognitiva, ‘interna’, das teorias que procurava aproximar. Ao procurar conectar as proposições da então gramática gerativo-transformacional (séc. XX) às proposições de Port-Royal (séc XVII), Chomsky desconsiderou o contexto histórico de emergência e desenvolvimento das ideias que chamou de ‘tradição cartesiana’, bem como não levou em conta a relação que era preciso estabelecer entre aquele contexto histórico e o contexto do linguista moderno: “*Limitar-me-ei aqui a algo menos ambicioso, a saber, um esboço preliminar e fragmentário de algumas das ideias diretrizes da Linguística cartesiana, sem fazer qualquer análise explícita da relação delas com o trabalho atual...*” (Chomsky, 1972 [1966], p. 10).

Assim é que, para Chomsky, a linguística de Port-Royal antecipava a teoria transformacional em pelo menos três aspectos (sigo Simone, 1975, p. 364-365): a) pela visão *criativista* do comportamento linguístico, em oposição ao caráter mecânico da chamada linguagem animal; b) pela oposição radical entre um nível *superficial* da linguagem, variável de língua para língua, e um nível *profundo*, comum a todas as línguas e, c) pela necessidade de uma gramática que não se limitasse a descrever o uso linguístico, mas que visasse também à sua explicação. Se essas teses se mostraram válidas nos limites da teoria que propunha, elas não eram suficientes para dar conta da análise histórica a partir da qual Chomsky procurava aproximar as duas teorias, a sua e a de Port-Royal. Há diferenças de escopo importantes entre elas, assim como de sentido. O valor que cada uma dessas teses assume no corpo de cada teoria não é o mesmo.³ Essa maneira de comensurar teorias advindas de contextos diferentes (original, naquele momento, diga-se) provocou, entre linguistas e filósofos, não só muitas críticas, mas também muitas reflexões sobre como tratar o passado de suas disciplinas.

Muitos dos debates dos anos 1960, 1970 em torno da metodologia de trabalho da HL giraram em torno desta questão. Até que ponto deveria a HL se voltar exclusivamente para uma análise do conteúdo das visões linguísticas do passado (*content oriented historiography*), fora do seu contexto de emergência? Ou, até que ponto essa análise deveria incluir o contexto como dado inerente (*context oriented historiography*) à formação e desenvolvimento de uma proposição linguística? (Swiggers, 1990, p. 21-23). Essas discussões acabaram por formar uma base comum àqueles que têm se dedicado ao campo. Os historiógrafos contemporâneos parecem concordar que: a) a HL

2 “... a conveniência do termo [=Linguística cartesiana] é questão de pouco interesse. O problema importante é determinar a natureza exata do ‘capital de ideias’ acumulado no período pré-moderno, avaliar a significação contemporânea dessa contribuição e descobrir meios de explorá-la para fazer progredir o estudo da linguagem.” (Chomsky, 1972 [1966], p.11.)

3 «[...] pour n’avoir pas du tout tenu compte du cadre cognitif où la ‘linguistique cartésienne’ s’est formée, Chomsky a fini par adopter comme ancêtres de sa théorie des penseurs qui pourraient au contraire être considérés comme les protecteurs de tendances de recherche tout à fait différents, de type spiritualiste, par exemple.» (SIMONE, 1975, p. 366)

não se resume a uma lista de autores e de títulos de livros, i.e., as HL não são crônicas factuais, tampouco testemunhos; b) que o conhecimento produzido em ciências da linguagem não resulta de uma sucessão de teorias sobre a linguagem, divorciada do clima intelectual no qual foram formuladas; e que, c) qualquer que seja o diálogo a ser entabulado com as ‘ideias’ do passado, este passado tem que ser adequadamente reconstruído, por prioridade lógica (cf. Koerner, 2020).

2.2 A Linguística são duas

O termo ‘linguística’, hoje, representa pelo menos duas dimensões de natureza bastante diferente. Ao mesmo tempo em que nomeia um campo de conhecimento de mais de dois mil anos, para ficarmos apenas no mundo ocidental, é uma disciplina institucionalizada, parte dos nossos currículos de Letras, área de especialidade reconhecida pelas comunidades científicas e órgãos competentes. A Linguística que conhecemos faz parte, pois, da história geral do conhecimento humano sobre o mundo, i.e., sua história é parte da história geral das ciências, e também é parte da história geral das disciplinas científicas (Hymes, 1974, p. 1). Nada impede que o historiógrafo da Linguística oriente seu estudo, de forma predominante, ou para o conteúdo dos objetos históricos que selecionou, ou, que privilegie o contexto em que se deu a emergência desses objetos. Uma HL adequada, entretanto, deve procurar contemplar as duas dimensões na sua descrição — conteúdo e contexto — uma vez que o conteúdo de determinada teoria se acresce, inevitavelmente, de traços do seu contexto, seja este de produção, de recepção, ou ambos.

A base de delimitação das duas Linguísticas é, em princípio, razoavelmente simples para o período contemporâneo, seja na Europa, nos EUA, ou no Brasil. Com algumas variações, quase todos situamos o início da Linguística enquanto ciência no século XIX europeu; e o início da sua institucionalização, como disciplina autônoma, ou no século XIX alemão por volta de 1860 (*Sprachwissenschaft, Linguistik*), ou nos anos 1920 na América (*Linguistics*), ou nos anos 1960, no Brasil (*Linguística*)⁴ (v. Altman, 2004 [1998], p. 164-169). Mas, como identificar as linhas de ‘pensamento linguístico’ que se desenvolveram em meio a questões de outra natureza, anteriormente ao século XIX, em meio à lógica, à retórica, à poética, à filosofia, à teologia?

Com efeito, o conhecimento sobre a linguagem, formalizado ou não, institucionalizado ou não, fez parte da vida intelectual de muitos povos, sob outras formas e sob diferentes designações. Não há razão por que este

4 Do ponto de vista da sua institucionalização, as delimitações variam, evidentemente. Nos exemplos, penso, sobretudo, em Schleicher (1852); na criação da *Linguistic Society of America* em 1924, tendo em Bloomfield seu principal fundador; e no Decreto Federal de 1962, que torna o ensino da disciplina Linguística obrigatório nas Faculdades de Letras no Brasil.

conhecimento produzido em outros séculos, sob outros 'rótulos' deva ser excluído das historiografias linguísticas que se propõem abrangentes, ou mesmo daquelas mais especializadas, que se erigem a partir de problemas específicos e das respostas dadas a esses problemas. A HL acolhe estudos que mapeiam as linhas de pensamento sobre a linguagem, mesmo em tradições que não foram especificamente linguísticas, como as da Renascença (Simone, 1975; Swiggers, 1997), ou as da Idade Média, que apresentam um veio de considerações linguísticas, geralmente consideradas partes da lógica (v. Law, 2003). O início da reflexão do homem sobre as línguas é, pois, bastante anterior à sua institucionalização como disciplina autônoma, quase tão antigo quanto sua percepção de que as línguas podem ser representadas e que diferem entre si. Estabelecer o escopo das ciências da linguagem, e da sua historiografia, a partir do trabalho de Schleicher, de Saussure, ou de Bloomfield, ou mesmo de Chomsky, é reduzir preconceituosamente o conhecimento da linguagem e das línguas à designação da disciplina que uma certa tradição de estudos nomeia, fazendo *tabula rasa* de mundos intelectuais diferentes daquele em que nos espelhamos, que existiram em outros tempos, e que certamente ainda existem em outros lugares. Em perspectiva histórica, o termo 'linguística' pode se referir a qualquer estudo sobre a linguagem que tenha sido feito pelo homem, onde quer que dele se encontrem vestígios de documentação. Como consequência, a HL deve incluir entre seus objetos, potencialmente, todas as formas e designações sob as quais se apresentou esse conhecimento, em seus respectivos contextos (Swiggers, 2019; Altman, 2009).

3. Tipos de história da Linguística

A tarefa de registrar a história dos eventos que constituíram um campo científico do conhecimento não é, evidentemente, uma tarefa recente. No caso das ciências da linguagem, o marco geralmente apontado como inicial é o texto de 1796 de François Thurot (1768–1832), apresentado como *Discours Préliminaire* à sua tradução do livro de James Harris (1709–1780), *Hermes, or a philosophical inquiry concerning universal grammar*, de 1751. Na sua introdução, Thurot traçou um panorama retrospectivo das ciências gramaticais, atividade que situou entre o *Crátilo*, de Platão (429 – c.347 a.C.), e a *Logique*, de Étienne Condillac (1714–1780). Se a relevância do *Discours* de Thurot advém do fato de ter sido apontado como a primeira historiografia linguística do nosso horizonte retrospectivo (Coseriu, 1980; Swiggers, 1996), ou de ter exercido um papel de divisor de águas em questões de metodologia linguística, como interpreta Andresen (1978), está fora do escopo deste pequeno ensaio. O que se deseja assinalar é que, desde o *Discours Préliminaire*, a visão retrospectiva sobre o conhecimento pertinente ao campo de estudos sobre a linguagem e as línguas tornou-se uma prática constante nos círculos

acadêmicos ligados às Filologias germânica, românica ou eslava e, mais recentemente, também à Linguística *stricto sensu*.

Essa prática generalizada de fazer preceder a um estudo contemporâneo uma resenha histórica sobre a questão, como de hábito também no Brasil, frequentemente se limita a uma introdução panorâmica ao tema das teses acadêmicas, ou aos manuais de linguística geral, mesmo os mais clássicos, como, por ex., Saussure (1916), ou Bloomfield (1933). De maneira geral, essas introduções históricas visam a mostrar os avanços da disciplina desde estágios anteriores até o momento em que se encontra o seu autor. Ou seja, muitos dos pesquisadores do século XIX, ou mesmo do XX, que se dedicaram a historiar a linguística estavam em alguma medida interessados, ou na manutenção do que entendiam ser a unidade essencial da disciplina como um todo, ou na promoção de uma determinada teoria. Dessa perspectiva, fazer a história da disciplina parece cumprir, ora a função de moldura para uma questão do presente, ora uma função terapêutica para o que é percebido como uma fragmentação excessiva do campo (retomado de Altman, 2019).

Assim é que no editorial do primeiro número da revista *Historiographia Linguistica* Koerner (1974), o grande mentor de um projeto de escrever a história da Linguística em novos moldes, identificou três modos de escrever a história, que denominou: o tipo *summing up* [histórias-resumo]; o tipo *Problemggeschichte* [histórias 'neutras'] e o tipo *propagandístico* [histórias-propaganda].

3.1 *Summing up*

Sem considerações metodológicas aparentes, os manuais de história da linguística do tipo *summing up* costumam repetir, na leitura de Koerner, os velhos chavões que se cristalizaram em outros relatos semelhantes. Seus exemplos incluem Leroy (1963), Tagliavini (1963), Malmberg (1964 [1959]), Lepschy (1971 [1966]), Mounin (1970 [1967], 1972), Robins (1967), quase todos traduzidos para o português ao longo da década de setenta, e de ampla recepção na bibliografia estruturalista daqueles considerados hoje a primeira geração de linguistas brasileiros (Altman, 1996). Acrescente-se a esses, neste período, Mattoso Câmara (1975 [1962]), exemplo isolado de manual de história da linguística escrito por um brasileiro. Esses autores elegeram as correntes estruturalistas pós-saussurianas como o ápice alcançado pela disciplina, quadro de trabalho em que eles próprios se formaram. Evidentemente, o modelo de história que subjaz a este tipo narrativa é um modelo unilinear, de 'progresso por acumulação', que os estudos contemporâneos em História da Ciência e em HL mostraram ser inadequado para dar conta dos movimentos de produção e recepção do conhecimento em ciências da linguagem, ao menos em períodos mais recentes.

3.2 *Problemggeschichte*

Arens 1969 [1955] e Pedersen 1924 são os principais exemplares do tipo de história que Koerner denomina *Problemggeschichte*. Ela visa à ampla revisão de um domínio científico sem tomar partido dessa ou daquela orientação. ‘Neutras’, por vocação, não advogam a precedência de um quadro de trabalho sobre outros, nem se valem da história para legitimar um argumento a favor de uma revolução científica. Essa tentativa de encadear eventos relevantes em qualquer campo científico tem como vantagem apresentar aos praticantes de uma disciplina o longo caminho que sua ciência percorreu: as temáticas que permaneceram, os erros, acertos, o aperfeiçoamento dos métodos e, principalmente, as contribuições das gerações passadas, a quem devemos muito do que sabemos hoje (Koerner, 2020).

3.3 *Propagandístico*

O tipo de escrita histórica, não exclusivo do século XX, conhecido como *celebratório*, *propagandístico*, é, em geral, elaborado para promover um quadro de trabalho percebido pelo seu autor como revolucionário. Geralmente escrito em nome de um grupo que reivindica a superioridade da sua abordagem em relação à das gerações anteriores, esse tipo de escrita histórica se organiza em torno de uma retórica descontinuísta, ‘revolucionária’. Delbrück (1882 [1880]), Bloomfield (1933), Chomsky (1964 [1962], 1972 [1966], 1971[1968] e Newmeyer (1986) são exemplares dessa orientação. No Brasil, Lemle (1967 e 1973) são bons exemplos.

16

4. HL: um quarto tipo de história

É claro que fatores não linguísticos — condições socioeconômicas, acontecimentos históricos, situações políticas — influenciam o surgimento de um ou outro modelo de escrita histórica. Não foi diferente para as ciências da linguagem que, dependendo do contexto em que se situava o historiógrafo, viram predominar este ou aquele modelo.

O ponto a enfatizar aqui é que, no quadro esboçado por Koerner nos anos 1970, havia espaço para um quarto tipo de história, justamente aquele que denominou, para distingui-lo dos demais, *Historiografia Linguística*. A HL se distinguiria dos outros três tipos por considerar o passado como parte integrante da disciplina científica que tomava por objeto, por buscar um método de trabalho próprio, explícito e rigoroso, e, principalmente, por procurar se afastar de uma interpretação partidária da história.

O uso da história para promover, ou justificar, ideias do presente, foi e é bastante controverso, também em ciências da linguagem (v. referências em Koerner & Tajima, 1986, p. 24-26). Quando da primeira visita de Chomsky ao Brasil, em 1996, o *Centro de Documentação em Historiografia Linguística* (CEDOCH) do Departamento de Linguística da USP, uma das instituições a receber o visitante,⁵ propôs a ele voltar ao tema da sua polêmica *Linguística Cartesiana*, exatamente 30 anos depois.⁶ Nesta ocasião, Chomsky se referiu à história da linguística, tal como estava sendo feita, como um conjunto de detalhes sem importância, como ‘quem leu quem’, ‘quem conversou com quem’, ‘quem tomou o que no café da manhã’, (cf. Chomsky, 1997, p. 104).⁷ Na sua visão, as histórias não registravam o que realmente interessava: a elaboração e a reelaboração das ideias sobre a linguagem através do tempo, o que, do ponto de vista do historiógrafo contemporâneo, é justamente o que a HL faz (v. Joseph, 1999).

O objetivo central da HL é justamente descrever e explicar a elaboração e a reelaboração dos conceitos, técnicas e métodos aplicados ao estudo da linguagem e das línguas através do tempo. Sem identificar quem disse o que, quem leu o que, e quem conversou com quem, não há como estabelecer um quadro de trabalho que controle os vieses subjetivos do historiógrafo. É nos limites de um quadro factual previamente reconstituído que seus critérios de relevância se justificam e, principalmente, é nos seus limites que se analisa, se descreve e se explica a elaboração e a reelaboração das ideias, proposições e teorias linguísticas ao longo do tempo.

Metodologicamente, é importante discriminar o contexto de emergência de uma ideia, ou de uma teoria, os contextos do seu circuito de desenvolvimento, e o contexto em que se situa o historiógrafo. Koerner (1988), por exemplo, mapeia magistralmente a contribuição do *Mémoire* de Saussure, de 1879, para o desenvolvimento da Linguística, tanto histórica, quanto teórica. Neste ensaio, compreende-se por que o livro não foi bem recebido no contexto imediato dos linguistas de Leipzig (incluindo dois dos seus professores, os ‘*Jovens Turcos*’ Karl Brugmann (1849-1919) e Hermann Osthoff (1847-1909)), mas foi positivamente avaliado pelos estudiosos fora

5 Por indicação de Maria Carlota Rosa, da UFRJ, que, juntamente com Miriam Lemle (1937-2020) tiveram a iniciativa de convidar Noam Chomsky para vir ao Brasil em 1996. Participaram da organização da visita: a Direção da COPPE-UFRJ (Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro); a Direção do IEA-USP (Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo); o CEDOCH-DL/USP (Centro de Documentação em Historiografia Linguística, do Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo); Lucia Lobato (? – 2005) e o Departamento de Linguística da UnB; Denny Moore e o Museu Emílio Goeldi, da UFPA; e a ABRALIN, na gestão de Maria Denilda Moura (1942-2020).

6 O tema da conferência foi: *On the use of history in theory construction in modern Linguistics*. Transcrito e publicado, com a revisão do autor, em Chomsky (1997).

7 A HL contemporânea, entretanto, não se enquadra nessa pecha. Não será demais enfatizar que ela não se reduz a uma crônica de acontecimentos históricos como uma lista de datas, nomes e títulos. Crônicas, nesse sentido, são fontes para uma HL, e não se devem se confundir com ela.

deste pequeno círculo, cf. por ex., Mikołaj Kruszewski (1861-1887), que tomou do *Mémoire* vários termos e conceitos, como ‘fonema’, ‘som’, ‘alternância’, ‘zero’ (Koerner, 1988, p.139). A geração seguinte de indo-europeístas, que incluía o celebrado ex-aluno de Saussure, Antoine Meillet (1866-1936), incorporou positivamente as descobertas do *Mémoire*. Meillet, aliás, dedicou o seu manual de 1903, a “*A mon maître Ferdinand de Saussure à l’occasion des vingt-cinq ans depuis la publication du Mémoire ... (1878-1903)*” (*apud* Koerner, 1988, p. 140). A partir da morte de Saussure, em 1913, se se levou em conta o *Mémoire* nas discussões sobre o sistema ‘fonológico’ do Proto-indo-Europeu, foi cada vez mais marginalmente. O impacto da publicação do *Cours* em 1916, recebido como um livro anti-histórico pelos linguistas de então, é um traço importante na interpretação deste terceiro contexto de recepção do *Mémoire*. Sentimentos anti-germânicos decorrentes da I Guerra Mundial (1914-1919) tornaram as proposições do *scholar* franco-suíço, ‘autor’ do *Cours*, mais atraentes do que as pesquisas do *Mémoire* sobre o Indo-europeu. Por mais audaciosas e originais que estas fossem, elas estavam indelevelmente associadas à Linguística do século XIX alemão. Só mais tarde, em pleno estruturalismo, será feita a leitura de que *Mémoire* e *Cours* se erigiram sobre os mesmos princípios de base — ‘estrutura’, ‘sistema’, ‘estado de língua’ e ‘transformação’ — e a contribuição teórica do *Mémoire* será devidamente apreciada.⁸

Situar a evolução do conhecimento linguístico em seu contexto histórico não quer dizer que a HL deva se limitar a apenas emoldurar as pesquisas do presente. Ao contrário, da perspectiva que nos interessa ressaltar aqui, a HL não deve ser um simples apêndice da Linguística enquanto atividade científica, mas sim, parte dela. Nos termos de Simone (1975), inserir a história na prática teórica é fazer a ‘epistemologia interna às ciências’ de que fala Piaget, i.e., é submeter-se à crítica retroativa dos conceitos, métodos e princípios utilizados, de modo a determinar seu valor epistemológico (Piaget, 1967, p. 3 *apud* Simone, 1975, p. 354). Com efeito, as HL do século XX têm demonstrado que noções básicas da Linguística Geral, como *língua*, *gramática*, *sentido*, *estrutura*, por exemplo, sofreram mudanças significativas ao longo do século XX, em intensão e em extensão. Assim é que, no contexto anglo-saxônico da primeira metade do século XX, o termo *gramática* deixa aos poucos de significar a ‘descrição de uma língua natural’, como na epistemologia instrumentalista de Bloomfield (1933), para assumir cada vez mais o conceito de uma ‘teoria sobre uma língua’, ou, de uma ‘teoria

8 «...si l’importance pratique des découvertes de Saussure est reconnue de tous ceux qui s’occupent des problèmes génétiques dans le domaine indo-européen, **c’est tout récemment seulement qu’ont été réunies les conditions nécessaires pour comprendre la portée théorique de cette œuvre**. Elle a pour caractéristique, d’une part, de considérer les formules communes comme un **système** et d’en tirer toutes les conséquences [...] ... il est amené dans cette œuvre à appliquer à la langue originelle indo-européenne elle-même, citadelle pourtant des théories sur la transformation du langage, les méthodes qui seront exemplaires pour l’analyse de tout état linguistique, et qui peuvent servir de modèle à qui veut analyser une structure linguistique.» (Hjelmslev, 1966, p.163, grifos meus.)

da mente sobre uma *I-language*, no realismo internalizado de Chomsky (cf. Swiggers, 1992, p. 582). Tais mudanças na concepção do termo refletem, por sua vez, mudanças que ocorreram no contexto mais geral da epistemologia da ciência Linguística, e se explicam não apenas pelos interesses metateóricos de seus autores, mas também pelos contextos ‘externos’ de sua emergência e desenvolvimento (v. Hymes & Fought, 1981).

5. O diálogo da HL com outras metadisciplinas

5.1 HL e História da Ciência

Embora aplicado ao desenvolvimento das ciências ‘duras’, ou talvez justamente por isso, uma vez que, para alguns, a historiografia das ciências da linguagem deveria ser para o linguista, o mesmo que a história das ciências naturais é para o cientista (Koerner, 2003), as proposições de Thomas Kuhn (1922-1996) causaram grande impacto sobre a metodologia da HL. É consensual que a morfologia das *revoluções científicas* proposta por Kuhn em 1962 se mostrou um poderoso quadro de trabalho, tanto na reflexão sobre a natureza das ciências humanas e sociais, quanto na maneira de interpretar a história do seu desenvolvimento. Muitas das divergências relativas ao estágio de desenvolvimento da Linguística, se *pré-paradigmático*, ou *paradigmático*, esquentaram os debates nos anos 1970 sobre o estatuto da disciplina (por ex., Koerner, 1974 [1972], 1978a; Dascal, 1978a; Hymes, 1974) e, por extensão, dos modos de escrever a sua história.

Uma das contribuições de Kuhn (1987 [1962]) relevantes para a HL foi nuançar, ou romper mesmo com a concepção tradicional de progresso científico por acumulação. Nesta concepção, a ciência é vista como o conjunto dos fatos, teorias e métodos reunidos nos textos atuais e sua história seria nada mais nada menos do que o relato dos triunfos alcançados, e dos empecilhos que impediram sua acumulação. Contrariamente a essa dinâmica, Kuhn procurou demonstrar que as ciências, ao contrário, avançam por saltos, por rupturas, por *revoluções científicas*. A cada revolução, período ‘extraordinário’ das ciências, a comunidade científica de um determinado domínio tende a se acomodar e a constituir um *paradigma*, dentro do qual seus praticantes compartilham valores, modos de atuação, regras e padrões para a prática científica: é o estágio da ciência ‘normal’. As *anomalias* que ocorrem dentro de um paradigma acabam por comprometê-lo ao longo do tempo e a comunidade científica, após passar novamente por um estágio de dispersão, constituirá adiante um novo paradigma, incomensurável em relação ao anterior. Essa visão não-cumulativa de história repercutiu com força na incipiente metodologia da HL. Tratava-se de procurar descrever uma ciência na sua integralidade, nos limites do seu contexto imediato. Passou-se

a perguntar “... não pela relação entre as concepções de Galileu e as da ciência moderna, mas antes pela relação entre as concepções de Galileu e aquelas partilhadas por seu grupo, isto é, seus professores, contemporâneos e sucessores imediatos nas ciências.” (Kuhn, 1987 [1962], p. 22).

Muito se discutiu sobre a aplicabilidade do modelo de Kuhn à história da linguística (por ex., Percival, 1976) e outros modelos foram propostos no sentido de aperfeiçoar e adaptar a visão não cumulativa de progresso ao desenvolvimento das ciências da linguagem (Koerner, 1989).⁹ De fato, em Linguística, os paradigmas não se substituem uns aos outros, tampouco se sucedem obrigatoriamente. Ao contrário, frequentemente co-ocorrem e concorrem em um mesmo contexto, em ondas de continuidade e de descontinuidade variáveis (cf., modernamente, o conceito de ‘capas’ de Swiggers, 2020a e 2020b).

Na esteira desses debates, um dos textos considerados metodologicamente mais importantes para a (re)definição da HL foi a introdução de Dell Hymes (1927-2009) à sua antologia de 1974, *Traditions and Paradigms*. Neste texto, Hymes antecipou os pontos que viriam a caracterizar as principais tendências da HL contemporânea: autorreflexão metodológica; definições intensionais do objeto; ampliação de escopo e datação; contextualização; abertura para a linguística antropológica, a história, a filosofia e a sociologia das ciências.

5.2 HL e História da Filosofia

20

Em meio aos debates que buscavam estabelecer sua identidade, a HL também tinha a considerar os modelos de história de outros domínios, como a Filosofia. Dentre eles, considere-se o ensaio de 1984 de Richard Rorty (1931-2007) sobre o que denominou ‘os quatro gêneros em historiografia da filosofia’: a reconstrução racional, a reconstrução histórica, a doxografia e a história intelectual. (Rorty, 1998 [1984]). Retomarei aqui, por questões de espaço, principalmente, apenas os dois primeiros gêneros: as reconstruções racionais e as históricas.

Rorty começa por constatar a polaridade de opiniões existente em torno dos dois tipos. Basicamente, na reconstrução racional, o filósofo moderno trata os grandes filósofos do passado como seus contemporâneos, i.e., como colegas de profissão com quem pode trocar ideias e opiniões. Por isso mesmo, sua historiografia frequentemente escorrega para o anacronismo, na medida

⁹ Os modelos alternativos a Kuhn (1962) foram propostos originalmente por Koerner, em 1976. Publicados no ano seguinte como: “On the non-applicability of Kuhn’s paradigms to the History of Linguistics”. In: KEGL, J.A., NASH, D., ZAENEN, A., *Proceedings of the seventh meeting of the North Eastern Linguistic Society*, p. 165-174. Cambridge, MA: M.I.T., 1977.

em que corre o risco de distorcer o que disseram os autores do passado, a fim de fazê-los ‘tomar partido’ nas discussões do presente do historiógrafo-filósofo. As reconstruções históricas, por seu lado, são consideradas por muitos filósofos como verdadeiras doxografias, i.e., como meros relatos cronológicos e biográficos de uma tradição filosófica passada. Nessa dicotomia, observa Rorty, o filósofo que deseje registrar o passado da sua disciplina se vê diante de um dilema: ou impõe a seus mortos, anacronicamente, seus problemas e vocabulário, tentando fazer deles seus interlocutores, ou limita sua reconstrução ao contexto em que os antepassados escreveram seus textos, de modo a tornar menos bobas as falsidades que proferiram (Rorty, 1998[1984], p. 247; CA, em trad. livre). Transferido para o campo da linguagem, o dilema parece semelhante: ou impomos a nossos antecessores nossas ideias e terminologias, de modo a incluí-los nos problemas que nos ocupam no presente, correndo o risco de não fazer história; ou então, reconstruímos o que disseram e nos limitamos a interpretá-los nos seus próprios contextos.

Com razão, Rorty observa que as reconstruções históricas são, idealmente, reconstruções nas quais os historiógrafos podem chegar a um acordo, se confrontados com documentos, ou evidências do tipo. Já as reconstruções prospectivas, ou ‘racionalis’, das ideias e dos argumentos dos nossos antepassados são de natureza diferente e dificilmente convergem. O que determinado autor do passado disse (ou melhor, o que ele ‘quis dizer’ quando ‘disse’ tal coisa), depende de quem faz a pergunta, pois, neste caso, o *doublé* de historiógrafo e filósofo, ou de historiógrafo e linguista, busca não a autoconsciência (i.e., a relativização do seu mundo intelectual, como na reconstrução histórica), mas sim a justificação do problema (teórico, descritivo, explicativo) que lhe ocupa no momento. Afinal, todos nós gostaríamos de pensar a história do nosso conhecimento como uma longa cadeia de diálogos.

O dilema resulta falso para Rorty, as duas reconstruções serão válidas, desde que o historiógrafo saiba o que está fazendo. Sua argumentação caminha no sentido de mostrar a exequibilidade dos dois tipos de reconstrução, desde que observados os objetivos de cada uma, ou seja, para ele, essas alternativas não deveriam constituir um dilema: a história intelectual serve para manter a reconstrução histórica honesta e a reconstrução histórica serve para manter a reconstrução racional honesta (Rorty, 1998[1984], p. 270). O filósofo pode dar conta das duas práticas, uma de cada vez e, acredito eu, o linguista também. Quando fazem uma reconstrução histórica dos seus antepassados, filósofos (e linguistas) procuram dar conta do que propuseram seus antecessores nos termos deles. Quando fazem uma reconstrução racional, filósofos (e linguistas) ‘conversam’ com seu precursor em seus próprios termos, ignorando a linguagem e o contexto imediato do precursor.

Por um lado, a questão a enfatizar aqui, do ponto de vista da HL, é a prioridade que a reconstrução histórica deve assumir face à reconstrução ‘prospectiva’ de Rorty: condição para que esta permaneça honesta.

Por outro lado, linguistas também têm o impulso de ‘conversar’ com alguém do passado, cujas ideias parecem ser semelhantes às nossas, no desejo de levá-lo a admitir que essas ideias estão hoje mais claras, ou que desejamos que fiquem mais claras ao longo da ‘conversa’. Até que ponto Hjelmslev (1966) estaria traindo Saussure ao aproximar, retrospectivamente, o conceito de sistema formal, abstrato, usado no *Mémoire* (1879), no *Curso* (1916) e na *Glossemática* (anos 1940)? O problema decorrente dessa tentativa de comensurabilidade entre teorias distanciadas é, pois, altamente relevante em HL: em que linguagem essa ‘conversa’ pelo tempo pode ser feita? Ou ainda, até que ponto o historiógrafo ‘racional’ estaria realmente fazendo história?

Seja como for, também em HL, os dois tipos de reconstrução me parecem válidos, desde que: a) se saiba e se explicito o que se está fazendo; b) se reconstrua o contexto histórico dos quadros teóricos em exame, antes de aproximá-los. Às vezes precisamos saber o que foi dito; às vezes precisamos saber se fazemos parte de um mesmo projeto de ciência (v. Altman, 2016). O que é preciso deixar claro neste ponto, mesmo admitindo as duas possibilidades de reconstrução, é que a HL, tal e qual a Linguística, é uma prática empírica, com objetos, métodos, *scholars* e instituições definidas. Como tal, ela se distancia das epistemologias racionalistas que prescindem de tal prática. Para a HL, o conhecimento não nasce de geração espontânea e, muito menos, se desenvolve em um vazio histórico. A possibilidade de uma história da linguística puramente ‘prospectiva’, ou ‘racional’ das ideias e dos argumentos dos nossos antepassados continua polêmica e, para alguns, impraticável.

22

5.3 HL e Filosofia da Ciência

As fronteiras entre uma filosofia da linguagem/ da linguística (FL) e uma ciência da linguagem (Linguística) são controversas, ao menos o foram em boa parte do século XX (v. Harré & Harris, 1993). Por extensão, no seu processo de amadurecimento, as fronteiras entre uma Historiografia da Linguística e uma Filosofia da Linguística também estão em questão e valem uma boa reflexão, que não desenvolverei aqui (mas v. Borges Neto, 2020).

O fato é que uma e outra mudaram suas perspectivas no último quartel do século XX. Para a Filosofia, a ciência tem sido reconhecida como uma mediação obrigatória entre o mundo real e a filosofia, i.e., a Linguística, ou, as ciências da linguagem, seriam uma mediação entre a filosofia e a linguagem (Auroux & Kouloughi, 1993, p. 31, CA, trad. livre).

Para a Linguística, um dos grandes problemas desta relação é delimitar com clareza, dentre os diferentes grupos de especialidade que se formaram

em torno do objeto linguagem, qual seu escopo específico. Com efeito, a Linguística contemporânea, ao mesmo tempo em que acumulou respeitável saber sobre o fenômeno *linguístico*, teve multiplicado, mais do que em séculos anteriores, o número de modelos concomitantemente considerados adequados e válidos: a comunidade de linguistas diverge quanto aos métodos de investigação, quanto aos procedimentos de análise e, mesmo, quanto à ontologia do seu objeto. O resultado disso é que é difícil falar em uma real comunidade ‘paradigmática’ de linguistas, que compartilhem da ‘mesma’ metalinguagem, ou dos principais objetivos do campo, e que estejam de acordo com um conjunto básico de conceitos e técnicas. É difícil também encontrar convergência entre o que deva ser considerado um problema científico, ou o que seja uma solução relevante em Linguística. Para tal, teríamos (historiógrafos e filósofos da Linguística) que limitar nossa reflexão a um período muito específico, ou a um programa de investigação bem pontual, fechado, como o gerativista de inspiração chomskyana. O resultado disso é que os linguistas não desenvolveram, enquanto grupo de especialidade, um conjunto de critérios dos principais problemas e das principais soluções que definem a Linguística como um todo (Auroux & Kouloughi, 1993, p. 33), o que impõe novos desafios a uma HL e a uma FL que se propõem adequadas. Quando se fala em historiografia *da linguística*, afinal, a que domínio estamos nos referindo exatamente? (v. Altman, 2004 [1998], cap.1; 2009).

Até onde vai minha experiência, posso dizer que a HL deve informar ao linguista, para cada período da evolução do conhecimento sobre a linguagem e as línguas, o que foi (ou não) considerado ciência, qual(is) a(s) tarefa(s) do cientista nestes contextos, quais os conceitos e termos utilizados, quais os problemas em evidência, e quais as soluções consideradas relevantes naquele momento. Neste sentido, a HL alimenta a prática científica do linguista do presente, tanto no que lhe compete não reinventar a roda a cada vez que se achar diante de uma teoria candidata à ‘revolução científica’, quanto no que lhe compete justificar suas escolhas teóricas e metodológicas e definir seus critérios de constituição e resolução de problemas (Laudan, 1977). Dessa perspectiva, a HL esbarra, talvez, em tarefas que a Filosofia da Linguística chame para si, como oferecer ao linguista um conjunto de critérios que o leve a escolher, conscientemente, dentre as várias possibilidades e alternativas, a melhor maneira de definir os problemas da sua disciplina e as suas soluções relevantes.

A este ponto de reflexão, que não se encerra aqui, acho que a HL não deva se limitar a ser uma simples fornecedora de casos empíricos para as análises ‘racionais’ da FL. A HL deve chamar para si e incorporar na sua prática de análise, parte do instrumental da FL, ou dos seus modelos, ou dos seus resultados. Mas a busca da sua especificidade deve continuar.

A título de conclusão

O diálogo mantido pela HL nesses últimos 50 anos com disciplinas de outros campos como a história da ciência, a filosofia da ciência, e a sociologia da ciência, de que não tratei especificamente neste texto, tem mostrado que aprendemos muito (e ainda temos a aprender) com cada uma delas. Nenhuma delas, entretanto, isoladamente, serve de modelo para a prática do historiógrafo.

O que é certo é que, no último quartel do século XX não fazia mais sentido fazer a história de um campo científico como se fazia no século XIX, porque os estudiosos ligados às questões de linguagem, fossem linguistas, fossem filósofos, tomaram conhecimento, direta ou indiretamente, dos desenvolvimentos da história da ciência e da filosofia da ciência. Swiggers (1990) delinea essa passagem: a escrita da história mudou de um ponto de vista acrônico, típico do neopositivismo, para um ponto de vista linear-cronológico, esporadicamente encontrado nas histórias da ciência na primeira metade do século XX; de onde então, se constituiu um tipo ‘historicista’, com forte ênfase, ou no seu cenário cultural (Foucault, 1966), ou na sua ligação com uma sociedade científica particular (Kuhn, 1987 [1962]; Feyerabend, 1977).

Na busca pelo método que distinguiria a Historiografia Linguística da enumeração pura e simples de nomes, livros e datas, muitos de nós olhamos para essas metadisciplinas em busca de ferramentas conceituais e de procedimentos metodológicos. Os *insights* provocados pela História e pela Filosofia das Ciências tornaram os historiógrafos da linguística cientes de vários problemas, não abordados antes dos anos 1960: Como podemos dar conta das várias formas pelas quais o conhecimento linguístico se deu através da história? Como as ideias linguísticas se difundiram, e quais as possíveis explicações para seu sucesso ou fracasso? Qual é a estrutura de uma teoria linguística, quais os problemas específicos enfrentados (e respondidos) pela teoria e como a teoria se ajusta em quadros mais globais (ex. na prática científica, na cultura humana em geral). Estas observações nos levaram à reflexão sobre um tipo mais adequado de história que os estudos sobre a linguagem poderiam ter. A conferir.

Referências

ALTMAN, Cristina. Memórias da Linguística na Linguística Brasileira. *Revista da Anpoll*, n. 2, p. 173-189, 1996.

ALTMAN, Cristina. *A Pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)*. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2004 [1998].

ALTMAN, Cristina. Filologia e Linguística — outra vez. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*, n. 6, p. 161-198, 2004.

ALTMAN, Cristina. O pêndulo de Foucault. Sincronia e diacronia no estudo do Português no Brasil. Texto proferido na *XIII International Conference on the History of the Language Sciences*. UTAD — Vila Real, Portugal, 25-29 de agosto de 2014.

ALTMAN, Cristina. Retrospectivas e perspectivas da Historiografia Linguística no Brasil. *Revista Argentina de Historiografia Lingüística*, n. 1, p. 115-136, 2009.

ALTMAN, Cristina. Saussure, the historian of Linguistics. In: Waldir Beividas, Ivã Carlos Lopes, Sémir Badir. (orgs.). *Cem anos com Saussure*, v. II, p. 17-31. São Paulo: Annablume, 2016.

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da Linguística Brasileira. In: BATISTA, R. (org.), *Historiografia da Linguística*, p. 19-43. São Paulo: Contexto, 2019.

ANDRESEN, Julie T. François Thurot and the first history of grammar. *Historiographia Linguistica*, n. 5, p. 45-57, 1978.

ARENS, Hans. *Sprachwissenschaft: Der Gang ihrer Entwicklung von der Antike bis zur Gegenwart*. 2. ed. Freiburg & Munich: K. Alber, 1969 [1955].

25

ARNAULD, Antoine & Claude LANCELOT. *Grammaire générale et raisonnée*. (3. ed., 1676. Paris: Le Petit.) [Trad. de J. Rieux & B.E. Rollin, *General and rational grammar. The Port-Royal grammar*.] Mouton: The Hague, 1975 [1660/1676].

AUROUX, Sylvain & KOULOUGLI, Djamel. Why is there no 'true' Philosophy of Linguistics? In: *Linguistics and Philosophy. The controversial interface*, ed. por Rom Harré & Roy Harris, p. 3-41. Oxford, New York, Seoul, Tokyo: Pergamon Press, 1993.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York: Henry Holt & Co., 1933.

BOPP, Franz. Über das Conjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der griechischen, lateinischen, *persischen und germanischen Sprache*. [...]. Frankfurt am Main: Andreäische Buchhandlung, 1816.

BORGES NETO, José. Historiografia da Linguística e Filosofia da Linguística. In: BATISTA, R. e Neusa BASTOS (orgs.), *Questões em Historiografia Linguística. Homenagem a XXXXX XXXXX*, p. 167-187. São Paulo: Pá de Palavra, 2020.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic structures*. The Hague/Paris: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. *Current issues on linguistic theory*. The Hague: Mouton, 1964 [1962].

CHOMSKY, Noam. *Linguagem e pensamento*. 2. ed. [Trad. de Francisco M. Guimarães.] Petrópolis: Vozes, 1971[1968].

CHOMSKY, Noam. *Linguística cartesiana. Um capítulo da história do pensamento racionalista*. [Trad. de Francisco M. Guimarães.] Petrópolis/ São Paulo: Vozes/Edusp, 1972 [1966].

CHOMSKY, Noam. Knowledge of history and theory construction in modern Linguistics. *D.E.L.T.A.*, n. 13, p. 103-122, 1997.

COELHO, Olga. *Serafim da Silva Neto (1917-1960) e a Filologia Brasileira: Um ensaio historiográfico sobre o papel da liderança na articulação de um paradigma em ciência da linguagem*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1998.

26

COSERIU, Eugenio. *Tradição e novidade na ciência da Linguagem. Estudos de história da Linguística*. [Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira do orig. espanhol.] Rio de Janeiro/ São Paulo: Presença/ Edusp, 1980.

DASCAL, Marcelo. Ensaio introdutório. As convulsões metodológicas da Linguística contemporânea. In: DASCAL, M. (org.). *Fundamentos metodológicos da Linguística* v.1, p. 17-41. São Paulo: Global, 1978.

DELBRÜCK, Berthold. *Introduction to the study of Language: A critical survey of the history and methods of comparative philology of Indo-European languages*. [Trad. para o inglês por Eva Channing.] Leipzig: Breitkopf & Härtel, 1882 [1880]. [Nova ed. com prólogo de E. F. Konrad Koerner, Amsterdam: John Benjamins, 1974; 2. impr., 1989.]

FEYERABEND, Paul. *Contra o método*. [Trad. de Octanny S. da Mota e Leonidas Hegenbeg do orig. inglês de 1975]. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

FRANÇA, Angela M. R. Para uma historiografia de revolução de problemas: da 'arte de dizer' na fala carioca às descrições da variante oral do português brasileiro (1937-1960). Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses: une archéologie des sciences humaines*. Paris: Gallimard, 1966.

HARRIS, Roy. What is philosophy of linguistics. In: HARRÉ, Rom & Roy HARRIS (eds.), *Linguistics and Philosophy. The controversial interface*, p. 3-19. Oxford, New York, Seoul, Tokyo: Pergamon Press, 1993.

HYMES, Dell. Introduction. Traditions and paradigms. In: HYMES, D. (ed.) *Studies in the History of Linguistics. Traditions and Paradigms*, p. 1-38. Bloomington/ London: Indiana University Press, 1974.

HYMES, Dell & John FOUGHT. *American structuralism*. The Hague, Paris & New York: Mouton, 1981.

JOSEPH, John E. Resenha de Chomsky 1997. *Historiographia Linguistica*, v. 26, n. 3., p. 421-428, 1999.

KOERNER, E. F. Konrad. Purpose and scope of *Historiographia Linguistica*. Editorial. *Historiographia Linguistica*, vol. 1, n. 1, p. 1-10, 1974.

KOERNER, E. F. Konrad. Paradigms in the 19th and 20th century history of Linguistics: Schleicher – Saussure – Chomsky. In: HEILMANN, L. (org.) *Proceedings of the Eleventh International Congress of Linguistics* vol. 1, p. 121-132. Bologna: Il Mulino, 1974 [1972].

KOERNER, E. F. Konrad. Towards a Historiography of Linguistics: 19th and 20th century paradigms. In: *Toward a Historiography of Linguistics. Selected Essays*, p. 21-54. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1978a.

KOERNER, E. F. Konrad. Four types of history writing in Linguistics. In: *Toward a Historiography of Linguistics. Selected Essays*, p. 55-62. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1978b.

KOERNER, E. F. Konrad. *Western histories of Linguistics, 1822–1976. An annotated, chronological bibliography*. Amsterdam: John Benjamins, 1978c.

KOERNER, E. F. Konrad. The place of Saussure's *Mémoire* in the development of Historical Linguistics. In: *Saussurean Studies/ Etudes Saussuriennes*, p. 137-153. Genève: Editions Slatkine, 1988.

KOERNER, E. F. Konrad. Models in Linguistic Historiography. In: *Practicing Linguistic Historiography: Selected essays*, p. 47-59. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1989.

KOERNER, E. F. Konrad. On the place of Linguistic Historiography within Linguistics, again. In: Auroux, S. et al., *History of Linguistics 1999: Selected papers from the Eight International Conference on the History of the Language Sciences (ICHoLS VIII)*, p. 371-386. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2003.

KOERNER, E. F. Konrad. *Last Papers in Linguistic Historiography*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2020.

KOERNER, E. F. Konrad & TAJIMA, M. (com a colaboração de Carlos P. Otero), comps. *Noam Chomsky: A personal bibliography, 1951-1986*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1986.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. [Trad. de Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira do orig. inglês de 1962]. São Paulo: Perspectiva, 1987 [1962]. (Inclui Posfácio de 1970.)

28

KUHN, Thomas S. Comment. *Comparative studies in Sociology and History*, vol 11, n. 4, p. 403-412, 1969.

LAKATOS, Imre. *The methodology of scientific research programs*. In: WARRAL, J. e CURRIE, Gregory. Cambridge: University Press, 1978.

LAUDAN, Larry. *Progress and Its Problems: Toward a theory of scientific growth*. Berkeley: University of California Press, 1977.

LAW, Vivien. *The History of Linguistics in Europe. From Plato do 1600*. Cambridge: University Press, 2003.

LEMLE, Miriam. Resenha a Chomsky 1966. *Estudos Linguísticos*, v. 2, n. 1/2., p. 69-80, 1967.

LEMLE, Miriam. O novo Estruturalismo em Linguística: Chomsky. *Tempo Brasileiro*, n. 15/16, p. 55-69, 1973.

- LEPSCHY, Giulio. *A Linguística estrutural*. [Trad. de Nites Therezinha Feres do orig. it. de 1966]. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- LEROY, Maurice. *Les grands courants de la linguistique moderne*. Bruxelles: Université Libre de Bruxelles, 1963. (Trad. brasileira de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971.)
- MALMBERG, Bertil. *New trends in Linguistics: An orientation*. Stockholm & Lund: Naturmetodens Språkinstitut, 1964 [1959]. [Trad. bras. de Francisco da S. Borba 1971, *As novas tendências da Linguística*. Uma orientação à Linguística moderna, São Paulo: Nacional.]
- MATTOSO CÂMARA Jr., Joaquim. *História da Linguística*. [Trad. de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo dos manuscritos em inglês de 1962.] Petrópolis: Vozes, 1975 [1962].
- MOUNIN, Georges. *História da Linguística: Das origens ao século XX*. [Trad. portuguesa de F. J. Hopffer Rêgo, do orig. fr. de 1967]. Porto: Despertar, 1970 [1967].
- MOUNIN, Georges. *A Linguística do século XX*. [Trad. br. de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira do orig. fr. de 1972.] Lisboa/ São Paulo: Presença/ Martins Fontes, 1972.
- MURRAY, Stephen O. *Theory groups and the study of language in North America. A social history*. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- NEWMeyer, Frederick, J. *Linguistic theory in America*. 2. ed. San Diego: Academic Press, 1986.
- PIAGET, Jean. *Logique et connaissance scientifique*. Paris: Gallimard, 1967.
- PEDERSEN, Holger. *Linguistic Science in the Nineteenth Century*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1924.
- PERCIVAL, W. Keith. The Applicability of Kuhn's Paradigms to the History of Linguistics. *Language*, v. 52, n. 2, p. 285-294, 1976.
- ROBINS, Robert Henry. *A Short History of Linguistics*. London/ Bloomington: Longman/ Indiana Univ. Press, 1967. [Trad. brasil. de Luiz M. Monteiro de Barros. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.]

RORTY, Richard. The Historiography of Philosophy: four genres. In: *Truth and Progress. Philosophical papers*, p. 247-273. Cambridge: University Press, 1998 [1984].

SAUSSURE, Ferdinand de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1916.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Leipzig: Teubner, 1879.

SCHLEICHER, August. *Les langues de l'Europe moderne*. [Trad. de Hermann Ewerbeck do orig. alemão, 1850.] Paris: Lachange Garnier, 1852.

SIMONE, Rafaella. Purus historicus est asinus: Quattro modi di fare storia della linguistica. *Lingua e Stile*, vol. 30, n.1, p. 117-126, 1995.

SIMONE, Rafaella. Theorie et Histoire de la Linguistique. *Historiographia Linguistica*, vol. 2, n. 3, p. 353-378, 1975.

SWIGGERS, Pierre. Reflections on (models for) Linguistic Historiography. In: HÜLLEN, W. (ed.). *Understanding the historiography of Linguistics. Problems and Projects. Symposium at Essen, 23-25, november 1989*, p. 21-34. Münster: Nodus, 1990.

30 SWIGGERS, Pierre. Linguistic theory and epistemology of linguistics. In: PÜTZ, M., *Thirty years of linguistic evolution. Studies in honour of René Dirven on the occasion of his sixtieth birthday*, p. 582-589. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1992.

SWIGGERS, Pierre. Jean-François Thurot. In: STAMMERJOHANN, Harro (ed.), *Lexicon Grammaticorum. Who's Who in the History of World Linguistics*, p. 918-919. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1996.

SWIGGERS, Pierre. *Histoire de la pensée linguistique. Analyse du langage et réflexion linguistique dans la culture occidentale, de l'Antiquité au XIXe. siècle*. Paris: PUF, 1997.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da Linguística: Princípios, perspectivas, problemas. In: BATISTA, R. (org.), *Historiografia da Linguística*, p. 45-80. São Paulo: Contexto, 2019.

SWIGGERS, Pierre. Evolução e dinâmica da Linguística: Uma textura de 'camadas'. Anotações meta-historiográficas. In: BATISTA, R. e Neusa BASTOS (orgs.), *Questões em Historiografia Linguística. Homenagem a XXXXX XXXXX*, p. 117-124. São Paulo: Pá de Palavra, 2020a.

SWIGGERS, Pierre. A dinâmica na (/da) História da Linguística: Posições e deslocamentos de 'camadas'. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v.22, n.1, p.1-9, 2020b.

TAGLIAVINI, Carlo. *Panorama di storia della linguistica*. Bologna: Patron, 1963.